

Em campo, a Psicologia do Esporte

Em ano de Olimpíadas, a área temática da Psicologia tem avançado debates, pesquisas e ações que visam ao seu fortalecimento

Dois anos após a Copa do Mundo de Futebol, o Brasil volta a ser centro das atenções do esporte mundial com a realização dos Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro, em agosto deste ano. Além do foco no físico e na técnica dos atletas, a preparação psicológica é componente fundamental para o sucesso e/ou fracasso dos (as) jogadores (as).

O tema tem suscitado muitos debates, tanto na comunidade acadêmica quanto no campo aplicado. Esta é uma área que compõe as ciências do esporte, e estuda os fatores psicológicos associados à participação do indivíduo em contextos relacionados às práticas esportivas, exercícios físicos e atividades físicas. Em abril desse ano, na cidade de Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foram realizados o 9º Congresso Internacional e 16º Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte e do Exercício (Conbipe). Durante três dias, diferentes temas de interesse da Psicologia do Esporte foram abordados, como personalidade, carreira atlética, aspectos cognitivos, técnicas para a melhoria de desempenho, entre outros, mobilizando em torno de 500 profissionais e estudantes do Brasil e do mundo.

No evento, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) contou com as participações da presidente da autarquia, Mariza Borges, e a representante do Coletivo Ampliado em Psicologia do Esporte, Luciana Ferreira Angelo. Ela falou sobre as oportunidades do campo de trabalho com os atletas considerados em fim de carreira. Como desafio, a pesquisadora apontou que muitos não se preparam para o futuro pós-carreira atlética e, mesmo aqueles que o fazem, seguem para áreas relacionadas ao contexto esportivo. “Há poucos programas que tratam do tema nas categorias de base e que abor-

dem a escolha de tornar-se ou não profissionais do esporte, bem como há pouco cuidado na transição de carreira dos profissionais com exemplos quase inexistentes de orientação profissional”, observou.

Dunga e a pisada na bola

Apenas nove dias após a realização dos Congressos em Belo Horizonte, quando se discutiu a importância da Psicologia do Esporte em diversos aspectos para o desenvolvimento do atleta, o então treinador da seleção brasileira de futebol masculino, Dunga, declarou em evento organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) que não havia a necessidade de se ter um (a) psicólogo (a) na seleção.

A reação negativa da categoria foi imediata, e o CFP, em 27 de maio, publicou nota em resposta às declarações do treinador. Em um dos trechos do documento, o Conselho afirma que “Deixar de considerar a preparação ou treinamento psicológico é ignorar a importância da relação entre os aspectos psicofísicos e psicossociais, determinantes para o alcance dos objetivos e dos resultados esperados pelo atleta ou pela equipe de alto rendimento”. Muitos Conselhos Regionais de Psicologia também se manifestaram publicamente sobre o fato.

“

Deixar de considerar a preparação ou treinamento psicológico é ignorar a importância da relação entre os aspectos psicofísicos e psicossociais

A equipe do Jornal do Federal ouviu profissionais da Psicologia do Esporte que atuam no futebol, esporte mais praticado no país.

Luciana Angelo destaca que a confidencialidade é um dos aspectos fundamentais do trabalho. “Muitas vezes a confidencialidade é fator primordial, pois alguns atletas ou membros da comissão técnica podem apresentar disfunções em relação à atenção e à motivação. Alguns podem, inclusive, precisar de ações preventivas em relação a lesões, ao tratamento da reabilitação, ou sofrer transtornos emocionais, alteração de estado de ânimo, entre outros. A (o) psicóloga (o) precisa ter conhecimento não só dos aspectos cognitivos, mas dos aspectos emocionais e psicossociais do contexto esportivo”, reforça.

O psicólogo das categorias de base do Sport Club do Recife (PE) e integrante do Grupo de Trabalho Nacional de Psicologia e Esporte da Assembleia das Políticas da Administração e das Finanças (Apaf), Murilo Toledo Calafange, aponta que a Psicologia aplicada ao âmbito esportivo avançou, mas que no futebol alguns tabus ainda permanecem diante da falta de conhecimento – como se a Psicologia se limitasse ao aspecto clínico e a experiências pontuais malsucedidas, o que, segundo ele, causa resistência em alguns treinadores.

Calafange diz, ainda, que a Psicologia do Esporte já não é mais assunto tão debatido em países com maior desenvolvimento esportivo porque esse tipo de trabalho já está incorporado ao cotidiano, a exemplo da Federação Alemã de Futebol. “No Brasil ainda temos muito o que conquistar, apesar de já estarmos conquistando muitas coisas, quebrando barreiras, ultrapassando obstáculos e mostrando realmente qual é a nossa função,



Proximidade das Olimpíadas amplia o debate sobre o tema no país

balho da Psicofisiologia, o monitoramento da frequência cardíaca ou da resposta galvânica da pele pela sudorese, pelas glândulas sudoríparas, quando muito ansioso ou muito nervoso, ajudam no processo de concentração e atenção e tomada de decisão. Como a parceria com o médico do Esporte, com a Medicina Esportiva, pode contribuir na recuperação, no processo de recuperação de lesões, entre outras coisas”, exemplifica Marques.

Para o psicólogo das categorias de base do Cruzeiro Esporte Clube (MG), Jairo Stacanelli, são quatro os pilares para se pensar em um trabalho bem sucedido em Psicologia do Esporte. “O primeiro é o do desenvolvimento físico: fazer com que o atleta desenvolva o seu corpo para a modalidade a qual ele se dispõe. O segundo ponto é a questão técnica, para que o atleta desenvolva o ato esportivo da melhor forma. O terceiro pilar é uma questão tática, saber jogar o jogo de acordo com a competição, de acordo com aquilo que a modalidade exige do atleta; por fim, a questão psicossocial, o atleta tem de estar psicologicamente bem para atuar frente ao jogo. Qualquer projeto técnico se baseia nesses quatro pontos”.

Pesquisa

O Grupo de Trabalho (GT) da Assembleia das Políticas, da Administração e das Finanças (Apaf) de Psicologia e Esporte realizou, de fevereiro a maio deste ano, uma pesquisa no site do CFP sobre quem são e onde estão as (os) psicólogas (os) do Esporte. Os resultados já foram coletados e estão sendo analisados pelo colegiado e pela Gerência Técnica da autarquia. Os dados quantitativos e a análise qualitativa serão divulgados na próxima edição do Jornal do Federal. Acompanhe!

qual o nosso papel, e a importância do (a) psicólogo (a) junto aos atletas de futebol em formação e junto aos atletas profissionais”.

O psicólogo José Aníbal Azevedo Marques, que atuou em clubes como o Botafogo (RJ) e o Palmeiras (SP) e hoje é consultor em Psicologia do Esporte, explica que há três pontos que precisam ser considerados

para compreender essa visão mais superficial que ainda se tem da Psicologia do Esporte no Brasil: os usos indevidos de conceitos e ferramentas da Psicologia Clínica e da Psicologia Organizacional para a Psicologia do Esporte, a falta de cultura de trabalho interdisciplinar e o entendimento de como, especificamente, essa relação interdisciplinar pode se

“

Muitas vezes a confidencialidade é fator primordial